

OFICINAS SOBRE PAPÉIS E FUNÇÕES DE ENFERMEIRAS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

[Workshops on nurse's roles and duties inside hospital teaching – Status report on experience]

Maria Cristina Paganini*
Gisele Grespan Suarez**
Leila Seiffert***
Mariangela Honório Pedrozo****
Rejane Maestri Nobre Albini*****
Vivian do Rocio Walach*****

RESUMO: O estudo traz o relato de quatro oficinas sobre papéis e funções de enfermeiras, com os objetivos de rever, refletir, discutir e relacionar funções, dentro das especificidades das enfermeiras administrativas e assistenciais num hospital universitário. Os resultados parciais, na forma de um documento, merecem ainda muitas reflexões, mas têm sido úteis como um norteador de debates para planos futuros quanto às formas de organização e administração do serviço de enfermagem do hospital.

DESCRITORES: Gerenciamento; Cuidado hospitalar; Prática profissional.

1 INTRODUÇÃO

A globalização da economia e das informações tem levado as instituições a repensarem a sua forma de gerenciamento, para serem mais competitivas. Com isto, a gestão de recursos humanos em enfermagem também tem sido desafiada a modificar sua atuação. King, em 1964, referia-se à enfermagem como uma arte, uma profissão e uma ocupação, e dizia que o corpo de conhecimentos para a prática precisava ser melhor organizado (George et al., 1993). Embora esta seja uma citação pouco recente, em muitos aspectos a administração

dos serviços de enfermagem continua sendo um grande desafio, diante dos novos métodos e tecnologias de trabalho, políticas de saúde, demandas da sociedade, inserção hospital-escola e mercado de trabalho, entre outros enfrentamentos necessários, diante das correntes administrativas atuais.

Quanto aos aspectos relativos à organização dos serviços de enfermagem, Kurcgant et al. (1991) refere-se a um conjunto de aspectos considerados na sua estrutura, os quais, dependendo do grau e da forma em que aparecem, vão caracterizá-lo, provocando diferenças em cada organização. Esse conjunto de aspectos compreende a divisão do trabalho e especialização, hierarquia, autoridade e responsabilidade, amplitude da supervisão, centralização, descentralização e formalização.

Tais aspectos permitem refletir que a responsabilidade específica e primordial da enfermagem, traduzida historicamente pela assistência ao paciente, não é estática, afinal, como cita Jouclas (1978), o serviço de enfermagem sugere um grupo organizado e dinâmico de pessoas, em direção à obtenção de um objetivo comum, qual seja, prestar assistência de enfermagem ao indivíduo, à sua família e à comunidade.

Detalhando mais, Erdmann (1996) escreve que a ousadia de pensar sobre o sistema de cuidados de enfermagem passa pela visão abrangente e multifacetada do cuidado. Cuidado este caracterizado por atos, atividade básica da profissão de enfermagem, ou como encadeamento de medidas assistenciais, administrativas e legais, dentro da realidade concreta de uma estrutura organizacional ou acima do objetivo real das políticas sociais e dos interesses individuais. Essas atividades perpassam por dinâmicas variadas e ambíguas que buscam dar significado a este cuidado. Logo, todas as significações de cuidado passam por noções de próprio, de singular, de peculiar, de único e

* Enfermeira, Diretora de Enf. do HC da UFPR, Mestre em Assistência de Enfermagem.

** Enf. Coordenadora de Enfermagem de Área Crítica do HC da UFPR, Prof.ª substituta do Dep. de Enf. da UFPR, Membro do GEMA, Especialista em Controle de Infecção Hospitalar.

*** Enf. Coordenadora de Enfermagem de Área Materno-Infantil do HC da UFPR, Especialista em Enfermagem Obstétrica.

**** Enf. Coordenadora de Enfermagem Cirúrgica do HC da UFPR, Especialista em Enfermagem Pediátrica.

***** Enf. Coordenadora de Enfermagem Clínica do HC da UFPR, Especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica e Enfermagem do Trabalho.

***** Enf. Coordenadora de Enfermagem Ambulatorial do HC da UFPR, Especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica.

de seus opostos, como também pode passar pelos processos de simplificação e complexificação.

Tais especificidades e complexidades são um desafio ao cuidado de enfermagem, pois trata-se de uma atividade que encerra inúmeras questões e controvérsias, as quais geram reflexões sobre a função doutrinal e prescritiva da enfermeira em responsabilizar-se pela assistência de enfermagem ao paciente, família e comunidade. Contudo, e no mais das vezes, vem assumindo com predominância outras funções, decorrentes de fatores intrínsecos e extrínsecos ao campo de prática da enfermagem.

Fatores estes, expostos por Lunardi (1997), que estão no cotidiano profissional das enfermeiras. Muitas de suas práticas e outras, com que se depara, não parecem corresponder a uma vontade, racionalmente considerada boa em si mesma, mas decorrem da vontade de outrem, e às quais elas freqüentemente se sujeitam.

Neste aspecto, Germano (1993) afirma que apesar das transformações e avanços detectados no últimos anos, no que se refere à formação ética da enfermeira no Brasil, ainda prevalece o que se denominou de ética alienada, já que requer de quem exerce o sacrifício individual, a obediência, a submissão irrestrita a uma autoridade, sendo portanto uma ética cristã de cunho conformista.

Analisando, então, o trabalho da enfermeira em suas múltiplas especialidades, salienta-se o conflito desta profissional entre o aprendido como modelo único, baseado nos ideais da modernidade e do positivismo cotidiano, como o utilitarismo, a hiper-racionalidade instrumental, a objetividade extrema e a negação do sujeito e da subjetividade para a resolução de todas as situações enfrentadas no caótico cotidiano, necessitando de uma variedade de soluções embasadas no presenteísmo em que ocorrem, exigindo então criatividade, que se desenvolve pela vivência diária, sem deixar de ser influenciada pelo conhecimento teórico (Bellato e Pereira, 1996).

Parece, contudo, correto considerar que a enfermeira está em busca de maior visibilidade, desenvolvendo um trabalho não só técnico, mas atrelado à dimensão humana que permeia o cuidado. Entretanto, e especificamente no local deste estudo, tal visibilidade parece necessitar de maior clareza quanto ao papel e função da enfermeira, refletindo inclusive sobre objeto de trabalho, divisão técnica do trabalho em enfermagem, estrutura organizacional do serviço de enfermagem e outros aspectos que possam conduzir a enfermagem a maior emancipação profissional.

Considerando que papéis e funções de enfermeiras são o foco deste estudo, tomamos de empréstimo o que escreve Kurcgant et al. (1991), citando Chiavenato. A formalização do papel e funções da enfermeira possibilita a

prescrição de como, quando e por quem as atividades deverão ser executadas. Ainda, Chiavenato (1994) descreve que para cada papel profissional na instituição corresponde um conjunto de atividades e comportamentos do indivíduo, inerentes à posição que ocupa na organização.

Para Gir, Carvalho e Ferraz (1990), papel corresponde ao *status* da enfermeira dentro da instituição, enquanto conjunto de funções que lhe são próprias e que caracterizam seu desempenho na equipe de saúde e na organização, e corresponde à delegação de valores, habilidades e conhecimentos reconhecidos e de interesse para o projeto de uma organização. Função é o conjunto de atividades ou tarefas correspondentes ao papel, as quais caracterizam a atuação de um profissional em determinado campo. Assim, a função da enfermeira tem como intuito assistir ao cliente, promovendo e protegendo, recuperando a saúde, operacionalizando os cuidados planejados e selecionando estratégias adequadas a cada situação.

Também foram consideradas algumas definições de papel e função por Mendes (1985), que descreve as funções administrativas como aquelas que envolvem a coordenação da assistência e os cuidados indiretos de enfermagem, funções assistenciais que são executadas diretamente pela enfermeira ao paciente e envolvem conhecimentos e habilidades técnicas pertinentes à sua formação e finalmente as funções não específicas, como aquelas que, devido às suas características intrínsecas, não necessitam ser realizadas por enfermeira.

Diante da importância do cuidado e entendendo-o como a essência da profissão, a função assistencial torna-se primordial, e a administração dos serviços o meio para que a assistência se desenvolva.

Considerando o que foi exposto até aqui, este estudo tem por objetivos discutir o trabalho das enfermeiras, lotadas em um hospital-escola, para rever, refletir e entender com mais criticidade as funções nos papéis administrativos e assistenciais, elencando tais funções à luz das diretrizes organizacionais da direção de enfermagem da instituição.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE TRABALHO

O hospital universitário, local deste estudo, foi fundado em 1961 e tem como missão a assistência, o ensino e a pesquisa. Atualmente, conta com 611 leitos e atende às mais diversas especialidades, sendo referência para procedimentos de transplante de medula óssea, cardíaco, hepático, doenças neuro-musculares, controle de infecção hospitalar, banco de leite humano, farmácia hospitalar, entre outros. Possui uma taxa de ocupação de 80%, toda destinada ao Sistema Único de Saúde (SUS). Realiza

aproximadamente, nos 270 ambulatorios, com quarenta especialidades médicas e cirúrgicas, 80 mil atendimentos e 2.100 internações por ano.

A Direção Geral é formada por sete direções de área e três assessorias: Direção de Enfermagem, Médica, Corpo Clínico, Administrativa, Recursos Humanos, Técnica e Financeira, e as Assessorias de Informática, Planejamento e Comunicação. A Direção de Enfermagem está vinculada diretamente à Direção Geral; participa do Conselho Diretivo (CODIR) e ainda do Conselho de Administração (COAD), órgão máximo de análise e decisão da instituição.

O quadro de trabalhadores é formado por funcionários contratados pela Consolidação das Leis do Trabalho e servidores admitidos por concurso público, portanto estatutários.

A Direção de Enfermagem conta com 1.090 pessoas, dentre as quais 229 enfermeiras, 143 técnicos de enfermagem, 673 auxiliares de enfermagem e 4 atendentes de enfermagem. A Diretora de Enfermagem, cargo de confiança do Diretor Geral, é escolhida por lista de nomes mais votados ou indicados pelos profissionais de Enfermagem.

A Direção de Enfermagem está subdividida em cinco Coordenações de Área: Clínica, Ambulatorial, Materno-Infantil, Cirúrgica e Área Crítica. Subordinados às Coordenações estão 32 Serviços de Enfermagem, com enfermeiras responsáveis pelo desempenho das equipes de enfermagem, além do gerenciamento do serviço.

Quanto à estrutura dos serviços de enfermagem, as coordenadoras têm sob sua supervisão as enfermeiras administrativas e, estas, as enfermeiras assistenciais, responsáveis pela administração da assistência de enfermagem nas unidades, bem como por prestar cuidados diretos de enfermagem.

Nas unidades o trabalho da enfermagem é dividido entre enfermeiras e profissionais de nível médio de enfermagem, havendo, entretanto, muita diversidade quanto à operacionalização deste trabalho, pois nas unidades críticas, com maior número de enfermeiras, o trabalho é mais sistematizado, diferentemente de outras unidades em que há distribuição de tarefas entre os profissionais de enfermagem, nas quais, no mais das vezes, a enfermeira executa funções de outros profissionais.

3 METODOLOGIA

Há, no planejamento da Direção de Enfermagem, reuniões bimensais com todas as enfermeiras do hospital, visando à integração, troca de experiências e discussões sobre temas propostos pela Direção.

Para este relato estão incluídas quatro oficinas que ocorrem entre junho de 2000 a março de 2001.

A opção por oficinas decorreu do entendimento, segundo Gauthier et al. (1998), de que ampliar a participação de todos, favorecendo a libertação de sentimentos que falam e se cruzam, gera conhecimento que é coletivo. Têm como grande desafio definir hipóteses, analisá-las e interpretá-las em discussões coletivas, sendo muito valioso no processo de formação e aperfeiçoamento profissional.

Na primeira oficina, realizada em junho de 2000, com aproximadamente 80 enfermeiros, houve exposição dos objetivos da oficina e das outras que se seguiriam, e todos foram convidados a participar, se assim desejassem.

Inicialmente foi realizada uma exposição teórica por duas docentes de enfermagem sobre as exigências atuais da profissão, e, a seguir, grupos de oito pessoas responderam à seguinte questão: *Quem é a enfermeira do hospital?*, relacionando quais as características, o perfil e as habilidades identificadas nas enfermeiras que atuam tanto na assistência como na administração. Após as apresentações dos grupos, abriu-se o debate, em que houve forte tendência a atribuir à profissão de enfermeira características humanísticas e altruísticas, empregando-se expressões como: responsabilidade, compromisso, empatia, dedicação, conhecimento científico e outras nomenclaturas inerentes à profissão. Contudo, pouco foi expresso no sentido de comportamentos condizentes com a necessidade de mudar a prática atual, diante das diversidades do cotidiano. Diante do que se apresentou, foi solicitado que cada participante refletisse sobre sua prática profissional, sugerindo alguns questionamentos: *Qual a condição de resolutividade de suas ações como enfermeira?*; *Qual a representatividade de suas ações no conjunto das ações dos profissionais de saúde da unidade em que atua?*

Para finalizar a oficina foi exposto que estes e outros questionamentos, com igual teor, seriam o ponto de partida para o encontro seguinte.

A segunda oficina ocorreu em agosto de 2000. Houve a exposição teórica e discussões com as mesmas docentes sobre cuidado profissional, diferenças entre comportamentos e atitudes e representatividade social das enfermeiras à luz das discussões sobre as questões anteriormente propostas.

Em seguida, em pequenos grupos, sob orientação das coordenadoras de área, as enfermeiras passaram a discutir sobre a questão: *Quem executa o quê no trabalho em enfermagem nas unidades do hospital?* Os grupos foram alertados para que os debates girassem em torno da realidade concreta, em coerência com o cotidiano da prática. Os debates geraram polêmica quanto às atribuições das enfermeiras, dos membros da equipe de enfermagem, de outros profissionais de saúde e, ainda, de outros profissionais de outras áreas afins do hospital.

Para melhor ordenar as discussões e considerando o avançar do tempo para a oficina, aprovou-se que um grupo de voluntárias iria redigir o primeiro esboço das atribuições das enfermeiras, nos papéis administrativo e assistencial, diante das propostas levantadas nos grupos. Tão logo elaborou-se o esboço, este foi encaminhado para as coordenadoras de área, para que discutissem com seus pares em suas unidades e levassem suas sugestões para a próxima oficina.

Na terceira oficina, em novembro de 2000, cada coordenadora de área apresentou suas propostas para debate. Houve neste momento uma interessante abordagem, que até então não havia sido suscitada, quanto à questão: *Cabe à enfermeira a gerência da unidade e/ou dos cuidados de enfermagem?* As discussões que se seguiram foram polêmicas, ao ponto de impossibilitar que se esgotassem os debates. Decidiu-se, então, retomar a questão na oficina seguinte, bem como agrupar o conteúdo dos esboços, propostos por cada grupo, em um documento único, para ser distribuído a todos os participantes nas próxima oficina, para novas discussões.

As enfermeiras coordenadoras ficaram responsáveis por discutir, com as enfermeiras de suas áreas, os esboços provisoriamente categorizados para melhor visualização das funções. Para cada papel, administrativo e assistencial, foram criadas, diante das propostas dos grupos, três categorias: administrativa, assistencial e de ensino e pesquisa. Esta opção decorreu das convergências, por aproximações de respostas dadas pelas enfermeiras, quanto às funções que executam na prática e diante do que refere a literatura de enfermagem, tal como já foi referenciado anteriormente. Também, considerou-se que tal categorização contemplava os propósitos da instituição, que se propõe a oferecer assistência, ensino e pesquisa em saúde.

Em março de 2001, na quarta oficina, o documento que buscava conter todas as atividades relacionadas nos encontros anteriores foi debatido com todas as participantes. Os debates novamente não se esgotaram, mas houve um prévia aprovação pelos participantes, destacando que tal proposta (Anexo 1), preliminar e teórica, deveria ser norteadora do trabalho da enfermeira e que debates futuros seriam necessários para aprimorar o documento, completando, acrescentando ou retirando funções de forma coerente com a realidade e propósitos da enfermagem no hospital.

Concluí-se, também, sobre a administração da unidade e administração do cuidado, que haveria necessidade de discussões com instâncias hierárquicas superiores, pois se há superposição de funções entre enfermeira e equipes de enfermagem, há também com outros profissionais, de saúde ou não.

Desta forma, enquanto não houver clareza de objetivos entre os profissionais que atuam nas diversas áreas, fica prejudicada a atuação da enfermeira nas suas ações de cuidado. As enfermeiras acabam por cumprir tarefas com caráter de resolatividade imediata aos problemas emergentes, baixa representatividade, por não realizarem as ações inerentes ao seu papel, e com dificuldade de serem acatadas em suas decisões por outros grupos de profissionais de saúde e de outras instâncias hierárquicas do hospital.

Neste sentido, inclusive, Mendes (1985), citando Verderese, cita que para analisar a prática da enfermagem e explicar as mudanças mais importantes neste campo, há que considerá-las como consequência das transformações da realidade social, reconhecendo, também, que certo grau de autonomia na determinação de certas características da enfermagem é resultado de uma dinâmica de organização interna.

5 CONCLUSÃO

Este é um trabalho em construção, pois a aprovação do documento significa o início de ações que fortaleçam a mudança de comportamento e o entendimento quanto às funções. Há necessidade, então, de discussões e debates mais freqüentes entre as enfermeiras para que, parcimoniosamente, possam incluir em sua prática as funções que lhes cabem no seu papel.

Considerando que a instituição é um hospital-escola, que vive as vicissitudes próprias de um sistema de saúde que tem dificuldades de recursos humanos e materiais, esta atividade depende de tempo para reflexão e formação de consciência crítica da realidade que se apresenta.

Outro ponto importante a considerar é que para resgatar o “ser-de-fato” da enfermagem e da enfermeira é fundamental a valorização do “banal”, ou seja, a valorização das atividades cotidianas desta profissional, o gerenciar das mais diversas situações que fazem parte do seu dia-a-dia para buscar a resolução, normalmente de maneira criativa, em face da escassez crônica de recursos materiais, físicos e humanos, sem a qual se inviabiliza o todo da assistência à saúde e à doença (Bellato e Pereira, 1996).

Esta afirmação se enquadra no cotidiano e na vivência da instituição onde o estudo foi realizado. Ressalta-se, por fim, a importância de se ter o documento aprovado, como norteador de ações das enfermeiras, e de aprimorá-lo continuamente através de novos encontros.

ABSTRACT: There have been four eight-hour workshops with the objective of promoting discussions among nurses of this institution. Those discussions were based on the

analysis of nursing activities, having in mind that the institution's mission comprises of assistance, teaching and research. As a result, a document was issued describing nurse's roles and duties. As final consideration, the authors suggest further discussions and debates on the topic.

KEY WORDS: Management; Hospital care; Professional practice.

REFERÊNCIAS

- 1 BELLATO, R.; PEREIRA, W. R. Outras palavras e novas rotas no cotidiano do gerenciamento de enfermagem. **Texto & Contexto Enf.**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p.117-131, jul./dez. 1996.
- 2 CHIAVENATO, I. **Gerenciando pessoas:** o passo decisivo para a administração participativa. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 1994.
- 3 ERDMANN, A. L. **Sistema de cuidados de enfermagem.** Pelotas: Universitária, 1996.
- 4 GAUTHIER, J.H.M. et al. **Pesquisa em enfermagem:** novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- 5 GEORGE, J.B. et al. **Teorias de enfermagem:** os fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- 6 GERMANO, M.R. **A ética e o ensino de ética na enfermagem do Brasil.** São Paulo: Cortez, 1993.
- 7 GIR, E.; CARVALHO, E.C.; FERRAZ, A E. P. Função e papel - estudo da terminologia. **Rev. Gaúcha Enf.**, Porto alegre, v.11, n1, p.11-17, jan. 1990.
- 8 JOUCLAS, V. M. G. Os manuais na organização do serviço de enfermagem. **Rev. Enf. Novas Dimensões**, São Paulo, v.4, n.1, p.47-52, jan./fev.1978.
- 9 KURCGANT, P. et al. **Administração em enfermagem.** São Paulo: E.P.U., 1991.
- 10 LUNARDI, V.L. Ampliando a compreensão do conceito de autonomia. **Texto & Contexto Enf.**, Florianópolis, v.6, n. 3, p. 308, set/dez. 1997.
- 11 MENDES, D. C. Assistência de enfermagem e a administração de serviços de enfermagem: a ambigüidade funciona do enfermeiro. **Rev. Bras. Enf.**, Brasília, v.38, n. 3/4, jul./dez.1985.

Endereço do autor:
Rua Acre, 426
80620-040 - Curitiba - PR
E-mail: walach@swi.com.br

ANEXO 1



DIREÇÃO DE ENFERMAGEM

ATIVIDADES DE ENFERMEIRA NO PAPEL ADMINISTRATIVO (sem ordem de prioridade)

- **Funções administrativas** são aquelas referentes às atividades de administração do Serviço ou Unidade, no sentido de prover infra-estrutura – predial, material, equipamento e pessoal – e ainda que possibilite infra-estrutura científico-metodológica à execução do cuidado de enfermagem.
- **Funções assistenciais** são aquelas necessárias para a metodologia do cuidado de enfermagem, subsidiando desta forma as atividades de administração do Serviço ou Unidade. São funções para retroalimentação das funções administrativas.
- **Funções de ensino e pesquisa** permitem a execução de ações próprias em hospital- escola,, dirigidas à manutenção de respeito hierárquico e normas da instituição.

FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS		
Responsabilizar-se pela escala mensal de trabalho	Programar e coordenar reuniões com a equipe de enfermagem da unidade sob sua responsabilidade	Elaborar estratégias de ação e controle para manter a unidade continuamente dentro das normas de vigilância sanitária e Serviço de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH)
Programar férias da equipe de enfermagem	Repassar circulares e informações institucionais a equipe de Enfermagem da unidade sob sua responsabilidade	Conhecer a estrutura organizacional da instituição
Prover materiais de consumo.	Respeitar os tramites hierárquicos	Gerenciar os leitos da unidade, quanto alteração de bloqueio, desbloqueio, sexo e idade.
Solicitar compra e/ou manutenção de materiais e equipamentos	Participar com sugestões e opiniões em reuniões sobre reforma e alteração de planta física da unidade	Discutir com seu superior hierárquico funções não especificadas
Participar, opinar e aprovar a aquisição de materiais e equipamentos novos	Elaborar e executar projeto de identificação de grau de satisfação do cliente e incorporá-lo na qualidade do cuidado de enfermagem	Realizar avaliação de desempenho das enfermeiras assistenciais e co-participar na avaliação dos profissionais de nível médio
Receber e encaminhar pareceres técnicos de materiais e equipamentos	Participar das reuniões administrativas de equipe multidisciplinar ou delegar a participação	Planejar, executar e avaliar o planejamento da unidade com a equipe de enfermagem e de acordo com as diretrizes da Direção de Enfermagem
Elaborar e manter sistemas de controle de equipamentos, materiais de almoxarifado, farmácia e centro de material	Fazer cumprir o manual de procedimentos e rotinas	Liberar para os residentes, o acesso ao terminal de computador na Unidade
Controlar banco de horas	Elaborar relatórios conforme solicitação da coordenação de enfermagem	
Controlar, visar e encaminhar folha de frequência. Vistar licenças e atestados da equipe de enfermagem	Cumprir e fazer cumprir normas da instituição	
Controlar quadro de pessoal com dados sobre quantidade de funcionários e pacientes, grau de dependência, horas extras, remanejamento de pessoal	Solicitar, sempre que necessário, revisão do sistema de limpeza e higiene de áreas físicas	

ATIVIDADES DE ENFERMEIRA NO PAPEL ADMINISTRATIVO (sem ordem de prioridade)

FUNÇÃO ASSISTENCIAIS	FUNÇÃO ENSINO E PESQUISA
Realizar visita de enfermagem aos pacientes acompanhado da enfermeira assistencial	Participar da orientação residentes e estagiários sobre rotinas da unidade e procedimentos de enfermagem
Co-participar da assistência de enfermagem ao paciente grave	Participar do planejamento do serviço de Educação Continuada
Participar das reuniões, promovidas pela enfermeira assistencial, para discutir assuntos referentes a assistência do paciente	Incentivar, dispensar e controlar a participação da equipe de enfermagem em eventos e cursos de interesse à unidade
Participar, sempre que possível, das reuniões clínicas e multidisciplinares sobre pacientes e/ou casos de pacientes	Realizar e incentivar a realização de trabalhos científicos
Esclarecer questões de familiares e acompanhantes, encaminhados pela enfermeira assistencial	Atualizar-se continuamente em assuntos e temas voltados a área de administração de serviços de enfermagem
Supervisionar a metodologia da assistência de enfermagem	Participar na organização com os docentes dos programas de estágio
	Acompanhar profissionais visitantes que desejam conhecer a unidade
	Estabelecer grupos de estudos com a equipe para discussão de assuntos de enfermagem
	Autorizar estágios voluntários em enfermagem conforme convênio estabelecido com a instituição
	Supervisionar e avaliar os estágios voluntários em administração de enfermagem

ATIVIDADES DE ENFERMEIRAS NO PAPEL ASSISTENCIAL (sem ordem de prioridade)

- **Funções de administração do cuidado** são ações a serem executadas pela enfermeira assistencial que dêem conta da metodologia do cuidado de forma técnica, científica e humanizada.
- **Funções assistenciais** são aquelas de ação direta com os pacientes, equipe de enfermagem, outros profissionais, familiares e acompanhantes.
- **Funções de ensino e pesquisa** permitem a execução de ações próprias em Hospital escola, dirigidas à manutenção de respeito hierárquico e normas da instituição.

FUNÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO DO CUIDADO	
Fazer cumprir as rotinas da unidade	Realizar, em conjunto com a enfermeira administrativa, a avaliação de desempenho dos profissionais de nível médio
Programar as atividades diárias dos funcionários, conforme prescrição de enfermagem, médica e outras necessidades	Colaborar e participar do planejamento anual da unidade
Autorizar visitas aos pacientes. Funções delegada na ausência da enfermeira assistencial ou administrativa	Participar de reuniões clínicas e multidisciplinares
Atualizar e ou delegar a atualização de quadro de exames e/ou cirurgias	Participar de reuniões da coordenação e direção de enfermagem
Conferir ou delegar a conferência do carrinho de emergência	Elaborar e/ou revisar manual de procedimentos e rotinas da unidade, em conjunto com a enfermeira administrativa
Racionalizar o uso de materiais	Administrar a admissão, remanejamento e alta de pacientes na unidade
Elaborar pareceres técnicos de materiais e equipamentos e encaminhar para enfermeira administrativa	Comunicar a enfermeira administrativa sobre falta de pessoal, materiais e equipamentos e solicitar ou tomar providência na ausência da enfermeira administrativa.
Respeitar os tramites hierárquicos	Discutir com seu superior hierárquico funções não especificadas
Realizar solicitações à higiene hospitalar e incentivar o cuidado e preservação de materiais	Realizar reuniões com a equipe de enfermagem para discutir assuntos referentes a assistência de enfermagem
Supervisionar a lavagem e/ou desinfecção e acondicionamento de materiais a serem reprocessados	Realizar, orientar e supervisionar as estratégias de ação e controle para manter a unidade continuamente dentro das normas da vigilância sanitária e SCIH
Assegurar o armazenamento e o prazo de validade de materiais reprocessados	Controlar assiduidade e pontualidade da equipe na ausência do enfermeira administrativa.

ATIVIDADES DE ENFERMEIRAS NO PAPEL ASSISTENCIAL (sem ordem de prioridade)

FUNÇÕES ASSISTENCIAIS	ENSINO E PESQUISA
Coordenar a passagem de plantão com prescrição médica e de enfermagem	Participar de treinamento e reciclagem
Realizar visita de enfermagem diária com levantamento de problemas e priorização de cuidados	Incentivar a participação da equipe em eventos e cursos
Realizar prescrição e evolução diária de enfermagem	Participar dos projetos da educação continuada
Receber e orientar pacientes, familiares e acompanhantes na internação e na alta sobre rotinas, estrutura física, e ações de enfermagem relacionadas ao tratamento do paciente	Co-participar com o docente da assistência de enfermagem prestadas pelos alunos de enfermagem
Realizar consulta de enfermagem	Orientar residentes e estagiários sobre rotinas da unidade e procedimentos de enfermagem
Responsabilizar-se pela assistência de enfermagem aos pacientes	Orientar e treinar a equipe de enfermagem em suas atividades
Coordenar a equipe de enfermagem e prestar cuidados aos pacientes em situações de emergência	Realizar trabalhos científicos
Participar da visita médica	Supervisionar e avaliar estágios voluntários em assistência de enfermagem
Planejar e supervisionar as ações de enfermagem executadas pela equipe	
Prestar assistência direta ao paciente, principalmente os de alta complexidade ou que necessitem de priorização	
Orientar, realizar e supervisionar as anotações de enfermagem, conforme padrão do HC	